



websetorial
consultoria econômica



24
BOLETIM
ECONÔMICO



Associação dos Agentes de Fornecedores de
Equipamentos e Insumos para a Indústria Gráfica

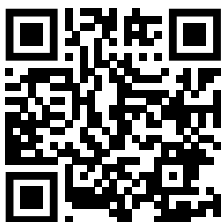
Celebramos



Uma trajetória marcada por **inovação**,
parcerias e compromisso com o setor gráfico.

Que 2025 seja repleto de novas conquistas e
crescimento para todos nós!

Estas empresas
impulsionam
nossa indústria.
Escaneie o
QR Code e
saiba mais:



Duas décadas **revolucionando**
o mercado gráfico mundial.

REALIZAÇÃO

SUMÁRIO

AFEIGRAF

Presidente

Jorge Maldonado – Aeprotect

Diretores

Silvia Montes – Heidelberg

Marcos Maricate – Contiweb

Fabiano Peres – Canon

Pedro Henrique – Intergráfica

Conselho fiscal

Raymond Trad – Comprint

Richard Möller - Hubergroup

Secretária Executiva

Nancy Vieira

Marketing

Elaine Almeida

Elaboração

Websetorial Consultoria Econômica

Patrícia Vêras Marrone

Fabíola Paneque

Projeto Gráfico

Lamp Comunicação

Diagramação

Leandro Domingues

Revisão

Paulo Alexandre Rocha Teixeira

Coordenação Geral

Jorge Maldonado

Página

Conjuntura macroeconômica internacional	04
Conjuntura macroeconômica nacional	06
Desempenho geral do setor	10
Desempenho do emprego no setor	11
Comércio internacional	12
Análise de mercado	16

Dados de janeiro a setembro de 2024
Atualizados em novembro de 2024 | Edição 24

CONJUNTURA MACROECONÔMICA INTERNACIONAL

Terceiro trimestre de 2024

Cenário geral para a economia global

Na pandemia da Covid-19, todos os principais Bancos Centrais do mundo cortaram os juros de forma agressiva – quase que ao mesmo tempo – para tentar mitigar os efeitos recessivos provocados pela crise sanitária. Em seguida, com a força da inflação, tiveram de promover um aperto monetário, também em conjunto, elevando os juros drasticamente, o que impactou, negativamente, a atividade econômica doméstica.

Com o controle da inflação, a partir de 2024, a condução da política monetária pelos principais bancos centrais passou a ser norteadada pelos condicionantes da conjuntura doméstica de cada país, perdendo, portanto, a sincronicidade anteriormente descrita.

Em 2024, tem-se visto um crescimento do comércio mundial em volume com o aumento de importações dos EUA, em parte pela ampliação de investimentos em equipamentos, além de um dinamismo maior do comércio de emergentes explicam esse cenário. Na Argentina, Brasil, México e Turquia, a desvalorização da moeda sustentou o aumento das receitas de exportação. Entretanto, o comércio continua afetado por um transporte marítimo para contêineres 160% mais caro do que há um ano em certas linhas entre a Ásia e a Europa.

Para a OCDE, até o fim de 2025, a inflação estará de volta à meta fixada pelos bancos centrais na maioria dos países do G20. E uma manutenção do preço

do petróleo no nível atual poderia reduzir a inflação global em cerca de 0,5 ponto percentual no próximo ano.

Para 2025, a expectativa é de que o crescimento do PIB mundial venha acompanhado de uma continuação de desinflação, melhora da renda real e política monetária menos restritiva em várias economias, que ajudarão a sustentar a demanda. O crescimento da economia mundial deverá se estabilizar por volta de 3,2% em 2025, apesar da grande diferença nas taxas de crescimento entre países.

Os aspectos de risco para as previsões econômicas traçadas para o ano que vem são, a saber: 1) A desaceleração da economia chinesa; 2) O conflito no Oriente Médio, já que tensões geopolíticas e comerciais podem causar disrupções nas cadeias de abastecimento e nos mercados de energia; 3) O excesso de endividamento de boa parte dos países mais pobres, e que precisa de uma solução; e 4) O fato de que 30% de títulos de dívida emitidos por empresas em países desenvolvidos, com juros baixos, chegam ao prazo de pagamento entre 2024 e 2026, e essa proporção é ainda mais elevada nos emergentes, o que pode aumentar as falências de empresas.

A queda nos juros nos países desenvolvidos será favorável à entrada de recursos para investimentos nas economias emergentes. Descrevemos a seguir a conjuntura macroeconômica nos principais parceiros comerciais das empresas filiadas à AFEIGRAF.

A queda nos juros nos países desenvolvidos será favorável à entrada de recursos para investimentos nas economias emergentes.

Europa: O Banco Central Europeu (BCE) segue numa fase de relaxamento da sua política monetária porque voltou a reduzir os juros em 0,25 ponto percentual em setembro, após corte em junho de mesma magnitude. A expectativa é de que ocorra mais uma queda em dezembro. O desempenho tem se mostrado bastante diverso entre os países no velho continente. De um lado, as economias da Espanha e da Itália mostram força, ao passo que, de outro, a Alemanha tem apresentado crescimento mais fraco. Mesmo assim, não há uma recessão prevista para o bloco. A zona do euro continuará com expansão lenta passando de 0,7% neste ano para 1,3% em 2025, com a atividade sustentada pela recuperação da renda real e melhora nas condições de crédito.

China: A China tem adotado uma série de estímulos para acelerar o crescimento do país, tais como a redução nas taxas de juros, redução no valor da entrada para a compra de uma segunda casa e permissões para refinanciamento de imóveis – entretanto, as medidas não parecem ser suficientes para compensar a fraqueza do consumo e a continuação de “correções maciças” no setor imobiliário. O colapso do mercado imobiliário deixou por volta de 90 milhões de imóveis desocupados, fato que é agravado com o declínio populacional na China. Considerando a média de três pessoas por domicílio, isso seria o suficiente para abrigar toda a população do Brasil. Por isso, há sinais de desaceleração, em que se prevê crescimento de 4,9% em 2024 e de 4,5% para o ano que vem.

Estados Unidos: Após as elevações nos juros do

FED, que se deram entre 2022 e 2023; em 2024, os juros também se reduziram sobremaneira nos Estados Unidos. Entretanto, a resiliência do mercado de trabalho fará com que haja mais cautela com novas reduções na taxa de juros, sendo improvável que ocorram ainda no último trimestre de 2024, para evitar que a inflação saia da meta de 2%. Os EUA crescem 2,6%, acima do potencial, neste ano, e baixam para 1,6% no ano que vem, ou seja, uma economia sempre dinâmica.

Argentina: O ano de 2024 foi de ajuste fiscal extremo, o que ajudou a inflação mensal a cair de 25% para 4% e já é possível vislumbrar alguma recuperação na atividade econômica no terceiro trimestre de 2024 em setores como o imobiliário e o de produção de motocicletas. A longa história de turbulências econômicas da Argentina, marcada pela hiperinflação, controles cambiais e bloqueio dos depósitos nas últimas décadas, levou os cidadãos a manterem cerca de US\$ 258 bilhões fora de seu sistema financeiro, segundo estimativas oficiais. O atual governo promove uma anistia fiscal de depósitos privados que estavam ocultos em contas em dólares, o que poderá ajudar a aumentar o nível de reservas e a revigorar a economia no lado real, bastante abalada com as medidas de austeridade. A taxa de inflação mensal de setembro de 2024 foi de 3,5%, por isso, é a mais baixa desde novembro de 2021, ante 12,7% em setembro de 2023, sem controle de preços. O risco-país caiu de 41% em 2024 e tocou o valor mais baixo nos últimos 4 anos. O FMI estima que o PIB da Argentina terá uma retração de 3,5% em 2024, projetando, por outro lado, um crescimento de 5% em 2025, e 4,7%, em 2026.



CONJUNTURA MACROECONÔMICA NACIONAL

Antecedentes: Reformas estruturais e elevação do PIB potencial no Brasil

O Brasil tem um Banco Central confiável e proativo, uma posição de reservas internacionais confortável e uma economia de alta escala e bastante diversificada. Nos últimos anos, várias reformas estruturais foram implementadas, tais como a reforma trabalhista, a reforma da previdência, a mudança nos marcos regulatórios para saneamento, privatizações, mudanças nas leis das estatais, substituição da TJLP pela TLP (que retirou distorções no mercado de crédito e impulsionou o mercado de capitais) e reformas no setor de óleo e gás. Na atual gestão, foram apresentadas à sociedade as linhas gerais de uma reforma tributária que, por não estar regulamentada, melhora as expectativas dos agentes, mas ainda não impacta no funcionamento dos negócios.

Política fiscal nos anos da pandemia da Covid-19

Durante a pandemia, foi inegável a importância da política fiscal expansionista para amenizar a queda de renda das famílias, por meio de instrumentos de transferências de renda sociais; ampliação na capacidade da rede de atendimento à saúde; promoção de recursos para a administração de estados e municípios e crédito para evitar falências de empresas. No período pós-pandemia, a recuperação econômica se deu de maneira satisfatória. A política monetária atuou concomitantemente à fiscal, como uma válvula de controle que calibrou, via taxa de juros, o impacto inflacionário da referida política expansionista. O ciclo de expansão fiscal deveria ter se encerrado tão logo fossem verificados os sinais de recuperação. Mas isso não ocorreu.

Situação atual: Risco da perda de capacidade de controle da dívida pública

Transferência de renda pós-pandemia: Como o objetivo foi aumentar a popularidade nos ciclos eleitorais, ao invés de encerrar o ciclo de impulso fiscal, o ente federal seguiu incrementando políticas de transferência de renda a partir do último semestre de 2022 e nos anos posteriores até o momento presente. Dentre essas políticas, podemos exemplificar: aumento do salário-mínimo, aumento do salário de servidores públicos e pagamento de precatórios atrasados, em 2023 e 2024. Diante desse cenário, o mercado de trabalho tem estado superaquecido, levando a uma taxa de desemprego de 6,4% em setembro de 2024, fatos que estimulam a demanda e a inflação. O bom desempenho na arrecadação de 2024 (crescimento de 9,5%) agravou as pressões sobre cerca de 70% das despesas na área social que são corrigidas conforme o desempenho das receitas ou conforme a inflação. Assim, a continuidade do impulso fiscal no período pós-pandemia tem piorado a trajetória esperada nas contas públicas e aumentado o risco país.

Mais expansão via drible no arcabouço fiscal: O contexto de desequilíbrio descrito anteriormente tem se acentuado por meio do anúncio de novos programas de transferências de renda, por fora do arcabouço, como o programa Pé-de-Meia para estudantes e uma possível expansão do auxílio gás. Além disso, outras três iniciativas de aumento de despesas chamam a atenção. A primeira é a proposta do governo de alteração de regras de contabilização de empresas públicas na qual estatais, (ao todo 17 empresas) que hoje dependem de R\$ 39 bilhões de recursos do Tesouro, poderão vir a ser retiradas das normas vigentes

do Orçamento Fiscal e da Seguridade Social (OFSS), que as tem obrigado submeter os seus gastos aos limites fiscais. Tais medidas, sob o frágil argumento de promover uma transição para uma situação de independência, redundarão em fiscalização mais “frouxa”, mascarando o déficit crescente nas estatais, o aumento nos cargos comissionados, a indicação de parentes e apadrinhados, ao invés de privatizá-las como estava previsto na gestão anterior. O segundo furo no arcabouço vem da proposta elaborada pelo presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), com apoio do Governo, de renegociação de dívidas dos Estados que pode trazer à União prejuízos de até R\$ 48 bilhões anuais. A terceira foi a anistia de R\$ 23 bilhões concedida a partidos políticos devedores aos cofres públicos. Há também os créditos extraordinários (para o Rio Grande do Sul, ajuda ao combate de queimadas e os recursos destinados para mitigar efeitos dos apagões da ANEEL) que são abertos sem aprovações. Portanto, novas despesas estão sendo criadas sem as fontes dos recursos para arcá-las. Os fatos descritos ferem os princípios de transparência e credibilidade do novo arcabouço. Por isso, com tantas exceções é provável que o resultado primário não reflita totalmente o que acontece com as contas públicas e nem o seu impacto no orçamento.

Efeito resultante da expansão desordenada nos gastos: Os gastos subiram mais de 15% acima da inflação nos últimos dois anos, de 17,9% do PIB em 2022 para 19,1% em 2024, a.a. ao passo que as receitas cresceram a 10% a.a., revelando ao mercado que as contas públicas brasileiras se encontram em trajetória insustentável. A dívida bruta em relação ao PIB, que, mesmo com o pico de gastos com a pandemia, declinava na gestão anterior, caindo de 74,4% em 2019

para 73,5% em 2022, passou a assumir trajetória ascendente na gestão Lula, devendo fechar 2024 em 77,8% do PIB, dando, com isso, um salto de mais de 12% em um único mandato presidencial. E se estabilizará somente em 2028 por volta de 82% do PIB. Para honrar o pagamento das despesas, diante da dívida crescente – além de retirar despesas do regramento fiscal, conforme explanado anteriormente – o governo tem praticado outros malabarismos ao antecipar dividendos das estatais, e segurar gastos na “boca do caixa”.

Deterioração das expectativas do mercado e da confiança dos gestores do próprio setor público:

A descrita expansão fiscal em um contexto de dívida pública elevada e crescente aumenta a percepção de risco dos agentes, o que pode acarretar uma crise fiscal, situação na qual o governo passa a ter dificuldade de rolar a dívida pública ou tem que fazê-lo a taxas de juros muito elevadas, levando à queda no crescimento econômico e nos investimentos. A deterioração das expectativas por parte do mercado financeiro já ocorre e se traduziu, em setembro de 2024, em projeção de crescimento da Selic para até 11,5%, diante de uma elevação da inflação de 4,4%. A projeção do custo de rolagem dos papéis do Tesouro Nacional prefixados a longo prazo (LTNs) aumentou e chegou a 13% em meados de outubro. A esse fato se soma a percepção de uma piora considerável no ambiente institucional, com um forte aumento da insegurança jurídica. Abaixo-assinados que buscam blindar fundos de pensão de servidores públicos, bem como o anúncio de ações judiciais do sindicato do órgão nacional de estatística (ASSIBGE) ambos se opondo à ingerência política nas instituições públicas – revelam que a falta de confiança se dissemina até mesmo por dentro da estrutura da governança federal.

A melhor em produtividade, no mundo real.

Stahlfolder TH 82-P.



Na HEIDELBERG, entendemos que, na dobra, a verdadeira produtividade não é apenas ter a máquina mais rápida. É sobre ter um design inteligente e tecnologia inovadora que trabalham juntos para oferecer desempenho e eficiência consistentes, otimizando a produtividade para aplicações do mundo real. heidelberg.com/en/real-world-productivity



Famílias brasileiras: Apesar da alta taxa de emprego e crescimento da massa de rendimentos (+5,1%), 78% das famílias se encontram endividadas, seja devido à inflação (em energia e alimentos), juros elevados ou apostas em jogos de azar, reduzindo as suas perspectivas de consumo a curto prazo. Isso já se refletiu nos resultados negativos do varejo e nos serviços em agosto e setembro de 2024.

Indústria: O setor industrial cresceu a taxas decrescentes no terceiro trimestre, mas deve registrar crescimento de 3% em 2024.

Conclusões e perspectivas

A economia brasileira se vê diante de uma situação de equilíbrio ruim: política fiscal expansionista, que estimula demasiadamente o consumo e política monetária contracionista que encarece o custo do capital, limitando o investimento, aumento da produtividade e crescimento. O crescimento do PIB tem sido puxado pelas reformas estruturais realizadas nos governos anteriores e pelo consumo das famílias e do governo. A sinalização positiva concedida pela Moody's aumentando o *rating* do Brasil é fruto da resiliência que a agência percebe na economia brasileira decorrente das reformas estruturais citadas logo no início desta análise. Ainda que a meta fiscal venha a ser cumprida, em 2024, dentro da margem de tolerância que admite um resultado negativo de até R\$ 28 bilhões, o nível elevado de gastos, com uma parte colocada fora da regra do arcabouço, reflete um quadro de deterioração que se nota nos preços dos ativos.

O mercado financeiro não dá mais o benefício da dívida ao governo. As taxas de juros a longo prazo crescentes sinalizam isso. E, para a Fitch Rating, devido à deterioração nas contas públicas, o Brasil não tem condições de avançar rumo ao grau de investimento, perdido em 2015.

Além disso, o contexto descrito acaba afastando os

investidores e faz com que o país não se beneficie do ciclo de queda nas taxas de juros internacionais. E, enquanto no restante do mundo se dá um afrouxamento monetário, no Brasil, o Banco Central se vê obrigado a elevar a Selic.

Diante do risco de perda de capacidade de controle da dívida pública e o ceticismo sobre a sustentabilidade no crescimento da economia, a taxa de investimento tem se mantido estagnada em 17% do PIB, mesmo patamar em 20 anos. Essa mesma taxa seguirá limitada pela baixa produtividade resultante da estagnação na escolaridade e no nível de qualificação do trabalhador brasileiro, além do envelhecimento da população também agravar o cenário.

Perspectivas: Riscos adicionais para o Brasil e outros países em desenvolvimento no ano que vem poderão advir do desempenho da China, o principal cliente do Brasil, já que se a economia chinesa continuar a desacelerar o impacto será negativo também para seus parceiros. Portanto, é preciso ter consciência de que se não houver contenção nos gastos públicos, o país pode entrar em uma séria crise. Faz-se necessário e urgente estabelecer uma trajetória de queda na dívida pública, mudar a estrutura das despesas e conter gastos da ordem de R\$ 30 a R\$ 50 bilhões em 2025.

Diante desse cenário, a previsão é de desaceleração no ritmo de crescimento da economia no último trimestre de 2024. A Instituição Fiscal Independente (IFI) projeta a expansão do PIB perto de 2,8% neste ano, e 1,8% para 2025, crescimento este estimulado pelo lado dos gastos públicos. A inflação projetada para o Brasil é de 4,4% em 2024 e de 3,6% a 4% no ano que vem. O dólar, segue em alta, próximo dos R\$ 5,70, refletindo a fuga de investidores estrangeiros do Brasil, avessos ao risco.

Então, quanto mais for adiado o ajuste fiscal, maior será o risco de calote ou o custo econômico, social e político de se alcançar o equilíbrio.



DESEMPENHO GERAL DO SETOR

TABELA 1

DESEMPENHO NA INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS EM VARIAÇÃO (%) | ATÉ SETEMBRO DE 2024

Categoria	Set.24/Set.23	Jan. a Set. 24/ Jan. a Set. 23	Out. a Set. 24/ Out. a Set. 23
Produção na indústria geral			
Produtos diversos de papel, cartolina, papel-cartão e papelão ondulado	-6,4%	-1,2%	-2,0%
Atividade de impressão*	-22,5%	-9,6%	-8,8%
Fabricação de tintas, vernizes, esmaltes, lacas e produtos afins	6,0%	2,4%	3,0%
Produção na indústria de embalagens			
Embalagens de papel, cartolina, papel-cartão e papelão ondulado	-1,1%	3,8%	3,0%
Embalagens de vidro	17,4%	10,0%	6,1%
Embalagens de metal	8,5%	12,9%	10,9%
Embalagens de plástico	8,6%	7,3%	6,6%
Serviços**			
Audiovisuais, de edição e agências de notícias	0,1%	4,1%	0,6%
Comércio (volume de vendas)			
Livros, jornais, revistas e papelaria	-7,6%	-7,3%	-7,9%

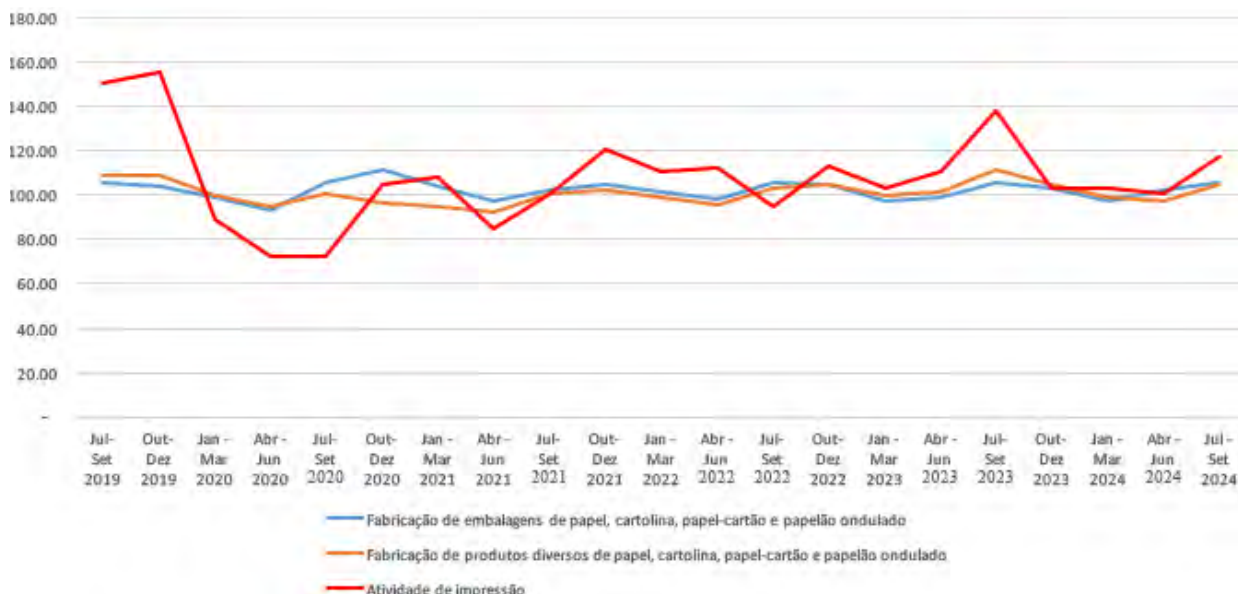
Fonte: PIM-PF/PMC/PMS -IBGE | Elaboração: Websetorial | Desempenho geral do setor.

*Impressão em jornais, revistas, livros, papel-moeda, etiquetas, rótulos, impressos publicitários e promocionais, inclusive em lona e vinil, bulas e manuais.

**Último dado disponível: referente a agosto de 2024.

GRÁFICO 1

DESEMPENHO DA PRODUÇÃO NA INDÚSTRIA NÚMERO ÍNDICE (BASE 2012 = 100) - MÉDIA TRIMESTRAL | ATÉ SETEMBRO DE 2024



Fonte: PIM-PF/PMC/PMS -IBGE | Elaboração: Websetorial - Desempenho geral do setor

DESEMPENHO DO EMPREGO NO SETOR

TABELA 2
EVOLUÇÃO DO EMPREGO NO SETOR

EM NÚMERO DE TRABALHADORES E VARIAÇÃO (%) | ATÉ SETEMBRO DE 2024

Categoria	Set.24	Dez.23	Mar.24	Variação %
			Set.24-Dez.23	Set.24 - Dez.23
Indústria de M&E Gráficos	84.173	82.013	2.160	2,6%
Insumos*	39.059	38.154	905	2,4%
Indústria de M&E Gráficos**	45.114	43.859	1.255	2,9%
Comércio de M&E Gráficos***	33.741	35.044	-1.303	-3,7%
Gráficas rápidas	150.684	142.545	8.139	5,7%
Indústria Gráfica	180.292	182.156	-1.864	-1,0%
Embalagens	34.248	36.140	-1.892	-5,2%
Editorial	35.583	34.891	692	2,0%
Material de segurança: cédulas, talões de cheques e ingressos	8.309	8.424	-115	-1,4%
Etiquetas, cadernos, impressos comerciais e publicitários	82.166	84.385	-2.219	-2,6%
Pré-impressão	10.579	10.534	45	0,4%
Acabamentos gráficos	9.407	7.782	1.625	20,9%

Fonte: Caged/MTE e Rais 2020 | Elaboração Websetorial - Tabela 02.*Insumos: CNAE 2072-0 - Fabricação de tintas de impressão + CNAE 2099-1 Fabricação de produtos químicos não especificados anteriormente. **Indústria de M&E Gráfico: CNAE 2869-1 Fabricação de máquinas e equipamentos para uso industrial específico não especificados anteriormente. *** Comércio de M&E Gráficos: CNAE 4669-9 - Comércio atacadista de máquinas, aparelhos e equipamentos não especificados anteriormente.

Segundo os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), do Ministério da Economia, no acumulado de janeiro a setembro de 2024, houve a abertura de 2.160 vagas na atividade que contempla, entre outras, a fabricação nacional de máquinas e equipamentos gráficos no Brasil, totalizando o contingente de 84.173 trabalhadores. No comércio máquinas e equipamentos gráficos, foram fechados 1.303 postos de trabalho. Já na indústria gráfica, que consome as M&E Gráficas, foram fechadas 1.864 vagas, totalizando, em setembro de 2024, o contingente de 180.292 trabalhadores, com queda de 1% nas vagas. No contexto da indústria gráfica, vale notar o fechamento de 2.219 vagas na indústria de "Etiquetas, cadernos, impressos comerciais e publicitários" (Tabela 2).



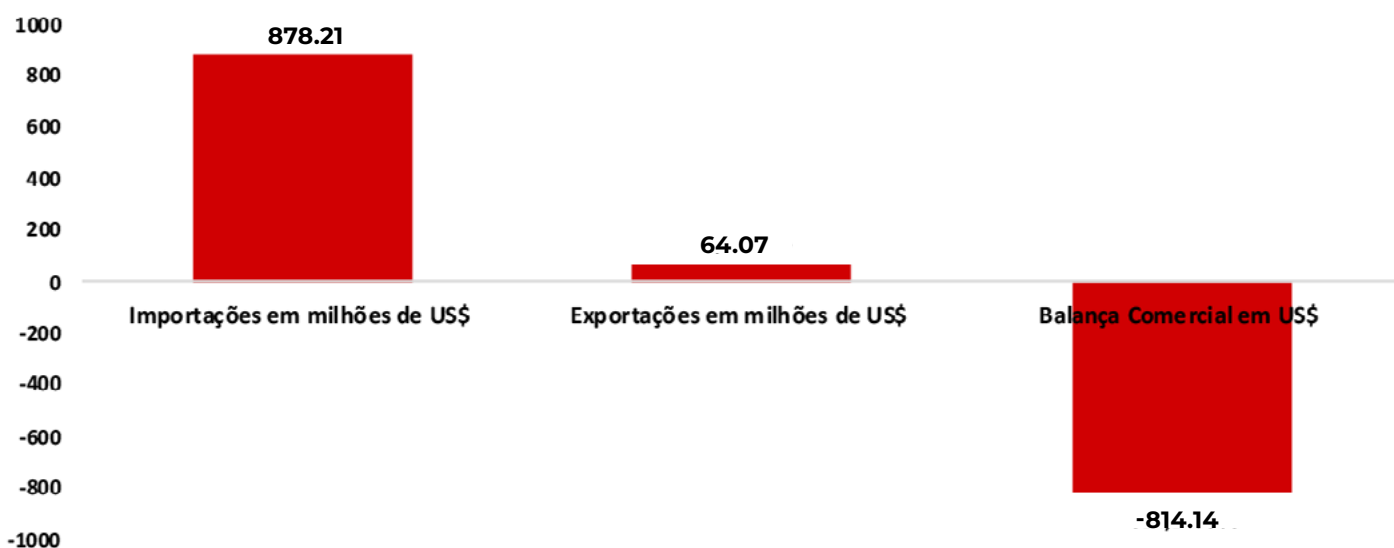
COMÉRCIO INTERNACIONAL

No acumulado de janeiro a setembro de 2024, as importações de máquinas e equipamentos gráficos totalizaram o valor de US\$ 878 milhões, o que representou um crescimento de 20,8% em relação ao mesmo período de 2023. Nesse contexto, destacam-se os acréscimos nas importações de equipamentos para "Acabamentos" (+72,4%), e "OffSet plana" (+32,1%) (Tabela 3).

As exportações brasileiras de máquinas e equipamentos gráficos apresentaram queda de 2,0% nos primeiros nove meses de 2024, em relação ao mesmo período de 2023. Em valor, totalizaram US\$ 64,0 milhões, ante US\$ 65,4 milhões no mesmo período de 2023. Vale destacar o aumento nas exportações das categorias de "Tipografia rotativa e plana" (+100,9%) e "Off set rotativa" (+51,5%) no período em análise (Tabela 4).

GRÁFICO 2

BALANÇA COMERCIAL DE MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS GRÁFICOS EM MILHÕES DE DÓLARES | ACUMULADO DE JANEIRO A SETEMBRO DE 2024



Fonte: Comex Stat | Elaboração: Websetorial

IMPORTAÇÕES E EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS NA CADEIA GRÁFICA

TABELA 3
IMPORTAÇÕES DE PRODUTOS, INSUMOS E EQUIPAMENTOS GRÁFICOS EM MIL DE DÓLARES E VARIAÇÃO (%) | ATÉ SETEMBRO DE 2024

Segmentos	Ac. Ano		12 meses		Variação %	
	Jan. a Set. 24	Jan. a Set. 23	Out.23 a Set.24	Out.22 a Set.23	Ac. ano	12 meses
Indústria gráfica	201.268	197.059	272.286	263.732	2,1%	3,2%
Cadernos	5.392	3.475	8.145	4.914	55,1%	65,8%
Cartões impressos	13.376	13.108	19.574	16.897	2,0%	15,8%
Editorial - Livros e revistas	80.600	89.909	109.873	118.147	-10,4%	-7,0%
Embalagens impressas	50.956	44.213	67.962	59.671	15,3%	13,9%
Envelopes	75	71	100	94	5,8%	6,9%
Etiquetas impressas	31.653	29.104	40.577	38.487	8,8%	5,4%
Impressos promocionais e comerciais	19.217	17.178	26.054	25.522	11,9%	2,1%
Máquinas e equipamentos gráficos	878.220	726.849	1.118.449	953.519	20,8%	17,3%
Acabamentos	133.899	77.682	166.308	108.264	72,4%	53,6%
Diversos	95.506	100.131	132.868	130.101	-4,6%	2,1%
Flexografia	132.796	116.063	178.199	155.987	14,4%	14,2%
Impressão Digital	262.622	207.108	327.709	272.916	26,8%	20,1%
OffSet plana	161.773	122.499	193.006	156.941	32,1%	23,0%
OffSet rotativa	162.465	129.723	204.189	162.587	25,2%	25,6%
Outras impressões ¹	21.528	21.560	28.752	26.497	-0,1%	8,5%
Pré-impressão	202.835	164.194	256.632	223.022	23,5%	15,1%
Tipografia rotativa e plana	21.314	16.867	25.779	22.406	26,4%	15,1%
Sistemas de refrigeração, purificação de ar, lubrificação e filtragem	285.258	242.263	369.482	307.895	17,7%	20,0%
Insumos, exceto papel	195.351	164.258	255.176	221.927	18,9%	15,0%
Chapas	34.647	33.384	47.117	46.441	3,8%	1,5%
Filmes	4.030	3.476	6.074	4.923	16,0%	23,4%
Outras chapas	15.961	15.367	21.228	19.401	3,9%	9,4%
Tintas	140.712	112.031	180.757	151.162	25,6%	19,6%
Papel	78.436	87.247	310.483	318.025	-10,1%	-2,4%

Fonte: Comex Stat | Elaboração: Websetorial

¹ O Segmento "Outras Impressões" é formado pelas NCMs: 8443.16.00 - Máquinas e aparelhos de impressão, flexográficos; 8483.40.10 - Redutores, multiplicadores, caixas de transmissão e variadores de velocidade, incluindo os conversores de torque; 8443.40.90 - Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes; NCM 8443.51.00 - Máquinas de impressão de jato de tinta; NCM 8443.59.10 - Máquinas de impressão p/serigrafia, NCM - 8443.59.90 - Outras máquinas de impressão.



TABELA 4

EXPORTAÇÕES DE PRODUTOS, INSUMOS E EQUIPAMENTOS GRÁFICOS
EM MIL DE DÓLARES E VARIAÇÃO (%) | ATÉ SETEMBRO DE 2024

Segmentos	Ac. Ano		12 meses		Variação %	
	Jan. a Set. 24	Jan. a Set. 23	Out.23 a Set.24	Out.22 a Set.23	Ac. ano	12 meses
Indústria gráfica	188.790	202.337	257.102	273.930	-6,7%	-6,1%
Cadernos	11.534	12.018	15.566	15.921	-4,0%	-2,2%
Cartões impressos	994	828	1.098	917	20,0%	19,6%
Editorial - Livros e revistas	30.313	26.945	41.634	43.144	12,5%	-3,5%
Embalagens impressas	111.739	134.038	151.013	173.920	-16,6%	-13,2%
Envelopes	40	180	87	206	-77,5%	-57,9%
Etiquetas impressas	15.554	13.672	24.224	19.294	13,8%	25,6%
Impressos promocionais e comerciais	18.616	14.656	23.481	20.529	27,0%	14,4%
Máquinas e equipamentos gráficos	64.070	65.405	85.910	88.520	-2,0%	-2,9%
Acabamentos	15.775	17.580	24.324	24.980	-10,3%	-2,6%
Diversos	1.104	1.529	1.813	2.020	-27,8%	-10,2%
Flexografia	2.952	5.949	3.959	7.420	-50,4%	-46,6%
Impressão Digital	15.618	17.255	19.676	25.460	-9,5%	-22,7%
OFFSet plana	13.421	12.924	15.686	20.441	3,8%	-23,3%
OFFSet rotativa	7.824	5.165	9.321	7.042	51,5%	32,4%
Outras impressões ¹	6.608	5.698	8.022	7.670	16,0%	4,6%
Pré-impressão	35.122	36.810	49.833	46.615	-4,6%	6,9%
Tipografia rotativa e plana	573	285	918	324	100,9%	183,5%
Sistemas de refrigeração, purificação de ar, lubrificação e filtragem	48.183	58.197	112.293	78.079	-17,2%	43,8%
Insumos, exceto papel	57.995	55.407	75.466	73.103	4,7%	3,2%
Chapas	21.292	17.921	26.757	23.903	18,8%	11,9%
Filmes	27	100	68	218	-72,8%	-68,7%
Outras chapas	20.437	20.627	26.559	28.238	-0,9%	-5,9%
Tintas	16.239	16.759	22.081	20.745	-3,1%	6,4%
Papel	726.769	686.658	966.762	952.199	5,8%	1,5%

Fonte: Comex Stat | Elaboração: Websetorial

¹ O Segmento "Outras impressões" é formado pelas NCMs: 8443.16.00- Máquinas e aparelhos de impressão, flexográficos; 84834010- Redutores, multiplicadores, caixas de transmissão e variadores de velocidade, incluindo os conversores de torque; 8443.40.90- Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes; NCM 8443.51.00- Máquinas de impressão de jato de tinta; NCM 84435910- Máquinas de impressão p/serigrafia, NCM - 84435990 - Outras máquinas de impressão.

PAÍSES DE ORIGEM DAS IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE M&E GRÁFICOS

No acumulado de janeiro a setembro de 2024, a China foi o principal país exportador de máquinas e equipamentos gráficos para o Brasil, totalizando o valor de US\$ 290 milhões, o que representou 33% de todas as importações de máquinas e equipamentos gráficos importados pelo Brasil.

A Alemanha ocupou o segundo lugar no ranking entre os principais países fornecedores de máquinas e equipamentos gráficos para o Brasil. O Brasil importou da Alemanha o valor de US\$ 146,8 milhões desses produtos, ocupando a fatia de 16,7% do mercado de máquinas e equipamentos gráficos importados de janeiro a setembro de 2024 (Gráfico 3 e Tabela 5).

GRÁFICO 3

PAÍSES DE ORIGEM DAS IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE M&E GRÁFICOS

EM MILHÕES DE DÓLARES | ACUMULADO DE JANEIRO A SETEMBRO DE 2024

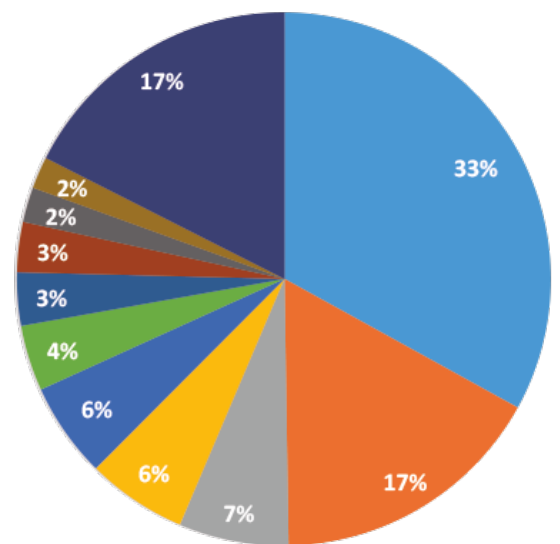
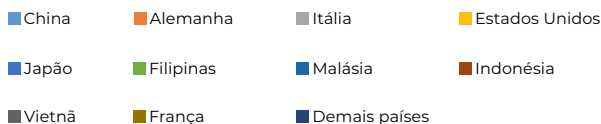


TABELA 5

ORIGEM DAS IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS

EM MILHÕES DE DÓLARES E PARTICIPAÇÃO (%) | ACUMULADO DE JANEIRO A SETEMBRO DE 2024

Segmentos	Total importado em US\$	Principal país de origem das importações	Valor importado em US\$ do principal parceiro	Participação do parceiro no total (%)
Máquinas e equipamentos gráficos	878,2	China	290,1	33,0%
OFF Set rotativa	162,5	China	95,2	58,6%
Tipografia rotativa e plana	21,3	China	4,6	21,7%
Outras impressões	21,5	Alemanha	10,2	47,4%
Diversos	95,5	Filipinas	27,0	28,3%
Flexografia	132,8	China	62,9	47,3%
Pré-impressão	202,8	Itália	49,7	24,5%
Acabamentos	133,9	Itália	34,2	3,9%
OFF Set Plana	161,8	Alemanha	69,9	43,2%
Impressão digital	262,6	China	69,3	26,4%



ANÁLISE DE MERCADO

CELULOSE E PAPEL

INVESTIMENTOS ANUNCIADOS DA INDÚSTRIA DE PAPEL E CELULOSE: Até 2028, a indústria brasileira de base florestal, que compreende os produtores de celulose, papel e painéis de madeira, tem investimentos anunciados da ordem de R\$ 105,4 bilhões no país, segundo a carteira de projetos divulgada pela Indústria Brasileira de Árvores (Ibá). Os recursos serão direcionados à construção de novas fábricas, ampliação de unidades já em operação e obras de infraestrutura para escoamento da produção.

EXPORTAÇÕES DE CELULOSE: No primeiro semestre de 2024, as vendas de celulose brasileira ao exterior avançaram 19% em relação ao mesmo período de 2023, totalizando US\$ 4,95 bilhões. O desempenho foi puxado pelo crescimento tanto de volume quanto de preços, que sofreram reajustes praticamente mensais no período, alcançando os níveis nominais historicamente mais elevados, segundo os dados do Mosaico Ibá, boletim produzido pela Ibá. A China segue liderando como principal destino das exportações da celulose produzida no Brasil, chegando a US\$ 2 bilhões no primeiro semestre. Já a produção brasileira de papel, no primeiro semestre de 2024, chegou a 5,7 milhões de toneladas, alta de 6,5%, com destaque para o papel para embalagem, cuja produção avançou 10,3%, totalizando 3,2 milhões de toneladas.

IMPACTOS DO MEIO AMBIENTE NO SETOR: As mudanças climáticas devem impactar todos os setores econômicos, alguns em maior e outros em menor grau. Diante disso, a equipe de análise da XP desenvolveu um relatório com os possíveis riscos que envolvem alguns setores. No de celulose por exemplo, as secas, inundações e os incêndios florestais podem interromper operações e danificar florestas, além disso, a escassez de água é uma preocupação significativa para a produção de celulose. Entre os riscos dessas mudanças, podem ser citados os custos crescentes de insumos e o aumento da regulamentação sobre emissões, fatos que impactam a indústria.

PAPELÃO: Segundo a Associação Brasileira de Embalagens de Papel (Empapel), o mercado brasileiro de papelão – considerado como um termômetro para a economia – está altamente aquecido, a forte demanda levou as expedições de caixas, acessórios e chapas de papelão ondulado a alcançar um volume mensal recorde. Em setembro de 2024, esse setor atingiu o segundo maior volume já registrado para um mês, totalizando 353.766 toneladas. Em base trimestral, o volume de expedição de papelão ondulado no terceiro trimestre deste ano subiu 4,2% em relação ao mesmo período do ano passado. O resultado reflete o mercado mais aquecido na categoria de bens não duráveis, como nos segmentos de avicultura, frutas e alimentos em geral. A pers

Fonte: FONTES, Stella. Indústria de celulose e papel planeja investir R\$ 105,4 bi no país até 2028, aponta Ibá. Valor. Disponível em: <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2024/08/22/industria-de-celulose-e-papel-planeja-investir-r-1054-bi-no-pais-ate-2028-aponta-iba.ghtml>. Acesso em: 16 set. 2024.

Fonte: BENFICA, Helena. Exportações brasileiras de celulose avançam 19% no 1º semestre, diz Ibá. Valor. São Paulo, 21 de agosto de 2024. Disponível em: <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2024/08/21/exportaes-brasileiras-de-celulose-avanam-19-pontos-percentuais-no-1-semester-diz-iba.ghtml>. Acesso em: 18 set. 2024.

Fonte: BERTÃO, Naiara. Conheça os setores mais vulneráveis às mudanças climáticas segundo a XP. Valor. São Paulo, 27 de agosto de 2024. Disponível em: <https://valor.globo.com/empresas/esp/noticia/2024/08/27/conheca-os-setores-mais-vulneraveis-as-mudancas-climaticas-segundo-a-xp.ghtml>. Acesso em: 16 set. 2024.

Fonte: BARBOSA, Jorge. Setor de papelão tem resultado recorde em julho impulsionado por economia aquecida. Estadão. São Paulo, 02 de setembro de 2024. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/economia/coluna-do-broad/setor-de-papelao-tem-resultado-recorde-em-julho-impulsionado-por-economia-aquecida/>. Acesso em: 17 set. 2024.

EMPRESAS

pectiva de crescimento para o setor neste ano é de 4%, para 4,18 milhões de toneladas.

KLABIN: A Klabin iniciou uma oferta de debêntures para captar R\$ 1,5 bilhão, os títulos serão incentivados e terão prazo de 15 anos. O montante será destinado a projetos de investimento em infraestrutura. A empresa já está se beneficiando da entrada em operação de uma série de projetos de expansão e, desde julho de 2024, da integração de ativos florestais da Arauco. A Klabin deve obter os resultados do maior ciclo de investimentos de sua história. A companhia está otimista quanto a preços e a demanda de papéis e embalagens na segunda metade do ano, por isso, enxerga a celulose de fibra curta como ponto de atenção.

SUZANO: Em setembro de 2024, a Suzano inaugurou um mega viveiro de mudas de eucalipto em Ribas do Rio Pardo (MS), com investimentos de R\$ 80 milhões, que pode produzir 2,55 milhões de toneladas por ano de celulose de eucalipto. O viveiro entrou em operação parcial nos primeiros meses de 2024 e vai empregar 240 pessoas, todas residentes em Ribas. A nova fábrica de celulose da Suzano, em Ribas do Rio Pardo (MS), entrou em operação em julho de 2024. Com a maior linha de produção de fibra curta de eucalipto do mundo, a unidade tem previsão de fabricar 900 mil toneladas nes-

te ano. O investimento total no projeto foi de R\$ 22,2 bilhões, o maior do País nesse período de dois anos e meio em um empreendimento industrial. Nos últimos anos, a Suzano ganhou destaque no segmento de bens de consumo, alcançando a liderança do mercado brasileiro de papel higiênico, com várias marcas. No momento, a Suzano está construindo sua sétima fábrica nesse segmento de papel higiênico e papel toalha, na unidade de produção de celulose de Aracruz (ES). Os investimentos em *tissue* nessa unidade fabril são da ordem de R\$ 650 milhões, para uma capacidade anual de 60 mil toneladas. Além disso, a companhia começa a fazer outros movimentos, como a aquisição de participações e ativos no exterior. A Suzano acertou a compra de duas fábricas de celulose e papel-cartão usados em embalagens de alimentos líquidos frescos e copos em papel, da americana Pactiv Evergreen, líder nesse segmento nos Estados Unidos. A transação, de US\$ 110 milhões, deve ser concluída até o fim do ano e marca a entrada da Suzano nos Estados Unidos.

BRACELL: A Bracell, produtora de celulose do grupo asiático Royal Golden Eagle (RGE), deu início aos estudos de viabilidade para construção de uma fábrica de celulose em Mato Grosso do Sul. A terceira fábrica de celulose da Bracell no país deverá ter capacidade de produção de 2,8 milhões de toneladas por ano. Os investimentos no projeto deverão superar R\$ 20 bilhões.

Fonte: AZAVEDO, Rita. Klabin busca R\$ 1,5 bilhão com debêntures com vencimento em 15 anos. Valor. São Paulo, 13 de agosto de 2024. Disponível em: <https://valor.globo.com/financas/noticia/2024/08/13/klabin-busca-r-15-bilho-com-debntures-com-vencimento-em-15-anos.ghtml>. Acesso em: 18 set. 2024.

FONTES, Stella. Klabin colhe frutos do maior ciclo de investimento. Valor. São Paulo, 31 de julho de 2024. Disponível em: <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2024/07/31/klabin-colhe-frutos-do-maior-ciclo-de-investimento.ghtml>. Acesso em: 18 set. 2024.

FONTES, Stella. Suzano compra fábricas e põe os pés nos Estados Unidos. Valor. São Paulo, 13, 14 e 15 de julho de 2024. B4.

FONTES, Stella. Suzano investe R\$ 80 milhões em um mega viveiro de mudas de eucalipto em MS. Valor. São Paulo, 11 de setembro de 2024. Disponível em: <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2024/09/11/suzano-investe-r-80-milhes-em-megaviveiro-de-mudas-de-eucalipto-em-ms.ghtml>. Acesso em: 16 set. 2024.

RIBEIRO, Ivo. Suzano avança no mercado de papel higiênico com investimentos em novas fábricas e aquisições. Estadão. São Paulo, 09 de setembro de 2024. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/economia/negocios/suzano-avanca-no-mercado-de-papel-higienico-com-investimentos-em-novas-fabricas-e-aquisicoes/#:~:text=O%20grande%20salto%20da%20Suzano,foi%20finalizada%20no%20ano%20passado>. Acesso em: 17 set. 2024.

RIBEIRO, Ivo. Fábrica de celulose de R\$ 22 bilhões da Suzano em Mato Grosso do Sul entra em operação. Estadão. São Paulo, 22 de julho de 2024. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/economia/negocios/suzano-celulose-nova-fabrica-operacao/>. Acesso em: 17 set. 2024.



ELDORADO: A disputa pelo controle da Eldorado Brasil já se tornou uma das mais longas e pesadas brigas corporativas da história recente dos negócios no Brasil, o que já dura seis anos, envolve uma cifra que supera os R\$ 15 bilhões. E não parece próxima de terminar. Seu resultado, além disso, pode ter desdobramentos profundos até no agronegócio brasileiro, uma vez que colocou em discussão a posse de terras no País por empresas estrangeiras. O mais recente episódio dessa longa disputa, iniciada em 2018, ocorreu em 30 de agosto, quando o Tribunal Regional Federal da 4.^a Região (TRF-4) julgou válido o pedido de ação popular que questiona o negócio e que suspende a transferência das ações da Eldorado para o grupo indonésio até o julgamento final. A discussão em torno da legalidade de a Paper Excellence assumir a Eldorado se baseia na Lei n. 1.179, de 1971, que veda empresas ou pessoas estrangeiras de serem donas de terras brasileiras com área acima de 50 módulos fiscais – medida que muda de cidade para cidade, mas que não pode passar de 25% do território do município em mão de estrangeiros e desde que não supere os 10% do total com donos de um mesmo território no país. Apenas com uma aprovação especial do Congresso Nacional ou do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), algum investidor estrangeiro pode ultrapassar essas barreiras. O tema ainda não havia aparecido na disputa nos muitos anos de brigas entre as empresas, mas, agora, tem o potencial de definir o rumo do negócio. Os executivos da Paper se defendem dizendo que a empresa comprou um complexo indus-

trial, e que não há interesse nas terras, mas, sim, na celulose dos eucaliptos, além disso, alega que a Paper poderia arrendar ou firmar parcerias para receber o produto dessas terras, sem deter a titularidade delas. Em resposta a isso, a J&F argumenta que num negócio desse porte, que envolve anos de plantações, não faz sentido para uma empresa não controlar suas terras, até por conta dos riscos de desabastecimento, e depois, até mesmo a sede da Eldorado fica num espaço rural que excede os limites legais. A única certeza em todo esse imbróglio, porém, é que ele ainda está longe de terminar.

EMBALAGENS

ECONOMIA CIRCULAR: Atualmente o setor de embalagens tem a necessidade de tornar seus produtos como parte da economia circular. Isso significa revisar várias etapas da jornada dos materiais, da indústria ao consumidor, começando pelo *design*. No *design* circular, ou *design* para reciclagem, os produtos, incluindo embalagens, precisam ser projetados para serem facilmente reciclados; assim, o que reduz a possibilidade de ele causar impactos negativos no meio ambiente, melhorando a sua pegada de carbono. A Dow, empresa de produção de polietilenos por exemplo, vem desenvolvendo um portfólio de produtos e tecnologias para fechar o ciclo das embalagens plásticas. Um exemplo são as embalagens flexíveis monomateriais, indicadas para a reciclagem mecânica. Até há pouco tempo, as embalagens flexíveis fabricadas com apenas um

Fonte: FONTES, Stella. Bracell iniciará estudos ambientais para construir fábrica de celulose de R\$ 20 bi no Mato Grosso do Sul. Valor. São Paulo, 26 de agosto de 2024. Disponível em: <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2024/08/26/bracell-iniciara-estudos-ambientais-para-construir-fabrica-de-celulose-de-r-20-bi-no-mato-grosso-do-sul.ghtml>. Acesso em: 17 set. 2024.

Fonte: VALIM, Carlos; VALFRÊ, Vinicius. Litígio na venda do eldorado expõe risco para capital estrangeiro. Estadão. São Paulo, 4 de agosto de 2024. B1.

tipo de polímero não atendiam aos requisitos de eficiência demandados pela indústria. Mas o desenvolvimento de novas soluções tornou esse material mais atrativo e seu uso vem aumentando de forma acelerada. Outro aspecto da inovação em embalagem é a busca por soluções que facilitem a reciclagem de diferentes tipos de materiais. Entre as tecnologias desenvolvidas pela empresa estão, por exemplo, as soluções para retirar o odor do material pós-consumo e controlar a toxicidade, mantendo as qualidades e propriedades mecânicas necessárias para que a resina pós-consumo possa ser tratada igual à resina virgem.

MELHORAMENTOS: A Melhoramentos está entrando em um novo mercado, que é o de embalagens em papel, 100% compostáveis, com investimento inicial de R\$ 40 milhões, a empresa vai instalar uma fábrica em Camanducaia (MG). A planta contará com capacidade de produção de 60 milhões de embalagens por ano na partida, a unidade com escala industrial entrará em operação comercial no primeiro trimestre de 2025. A embalagem que será produzida pela Melhoramentos é feita de polpa moldada e leva na receita aditivos desenvolvidos pela *startup* israelense W-Cycle, uma exclusividade da empresa no país, esses aditivos asseguram a proteção contra líquidos e gordura, por exemplo, e são compostáveis.

EDITORIAL

FEIRA DO LIVRO: A segunda edição da Feira do Livro levou em 2024 mais de 59 autores e 14 convidados (não escritores) à Praça Charles Miller, em frente ao Estádio do Pacaembu, em São Paulo. No ano passado, cerca de 15 mil pessoas passaram por lá. Os organizadores estimam um aumento de 15% no público desta edição.

BIENAL DO LIVRO EM 2024: A 27ª Bienal Internacional do Livro em São Paulo bateu recorde de vendas, com 716 autores: 683 brasileiros e 33 estrangeiros. Segundo a Câmara Brasileira do Livro (CBL), 722 mil pessoas foram à Bienal este ano, 9,39% a mais do que em 2022, quando o evento recebeu 660 mil visitantes. Cada frequentador gastou, em média, R\$ 208,14. De acordo com os balanços divulgados pelas editoras, as ficções de cura e as romantias se destacaram entre os títulos mais vendidos.



Fonte: POR DOW. Economia circular é desafio de inovação do setor de embalagens. Valor. São Paulo, 30 de julho de 2024. Disponível em: <https://valor.globo.com/patrocinado/dow/dialogos-mais-sustentaveis/noticia/2021/07/30/economia-circular-e-desafio-de-inovacao-do-setor-de-embalagens.ghtml>. Acesso em: 18 set. 2024.

Fonte: FONTES, Stella. Melhoramentos estreia em embalagem de papel com produção em MG. Valor. São Paulo, 13 de junho de 2024. B5.

Fonte: QUEIROZ, Julia. Feira quer aproximar leitores e editores. Estadão. São Paulo, 29 de junho de 2024.C1.

Fonte: QUEIROZ, Julia. Dominada por jovens a bienal celebra recorde de público. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 17 de setembro de 2024.C3.

ASSOCIADOS AFEIGRAF



ANUNCIE NO BOLETIM MAIS AGUARDADO DO MERCADO GRÁFICO BRASILEIRO.

Fale conosco e saiba mais: elaine.almeida@afeigraf.org.br



CONJUNTURA MACROECONÔMICA NACIONAL

Resultados da economia brasileira no ano de 2023: No Brasil, os bons resultados econômicos do ano de 2023 decorreram, principalmente, do impulso fiscal, que foi possibilitado pela PEC da Transição e que se materializou nos efeitos em cascata do aumento real do salário-mínimo, no aumento dos programas de transferências sociais, no reajuste do funcionalismo público e no aumento de gastos relacionados a programas de governo. A aprovação da reforma tributária sobre o consumo foi importante elemento que contribuiu para a redução da percepção de risco dos agentes com impactos positivos nos juros futuros, taxa de câmbio e bolsa de valores em 2023. Entretanto, o ano de 2023 encerra o primeiro do terceiro mandato do presidente Lula da Silva, que repete práticas pouco exitosas adotadas em dados anteriores. A atual gestão faz uso extensivo de retóricas e apresentou em 2023, além da reforma tributária, poucas ações concretas relevantes e projetos compatíveis com as necessidades do país. A esse fato soma-se a intensificação do aparelhamento da máquina pública com aliados, fato que agrava a situação. Além disso, não se nota cuidado com a eficiência nos gastos. A consequência desses fatos aqui expostos foi o declínio gradual da atividade econômica, como quedas na arrecadação de impostos, no emprego, na taxa de crescimento do PIB e no crescimento da inflação que se tornou restritiva. Há ainda o contexto internacional, à

da, certa instabilidade nas taxas reais, que apresentou uma tendência de queda, mas com variações positivas abruptas em alguns meses. Por exemplo, a inflação medida pelo IPCA em 2022 foi de 5,90% e a de 2023 fechou em 4,46%, mas houve aceleração nos preços em dezembro. Segundo o Relatório Focus, do Banco Central (BC), para 2024, a mediana das expectativas para a inflação anual de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) é de 4,0% e para 2025, de 3,50%. Algumas incertezas adviram do efeito "El Niño" sobre a agricultura, os preços de energia, a taxa de câmbio e o preço do petróleo, que exercem impacto na inflação.

Taxa de juros: A evolução da perspectiva para a inflação, as contas públicas e a dinâmica do cenário global têm norteado a adoção de política restritiva pelo BC relativas à taxa de juros. Conforme exposto, as expectativas de inflação a longo prazo têm se mantido estáveis e permitida reduções dos juros. Em janeiro de 2023, a taxa básica de juros (Selic) atualizada, que era de 12,25%, terminou o ano em dezembro, em 11,75%. Não há perspectiva de mudanças na condução da política monetária com a entrada de tipos de risco no mercado. Assim, o mercado espera a continuidade da redução gradual e prudente da taxa sendo 9,50% para o fim de 2025. Portanto, a perspectiva de inflação permitida pelo BC é de baixa nas projeções para o período de 2024-2025. Os desafios ainda existentes para a consolidação de um viés

EQUIPAMENTOS GRÁFICOS

2022	Variação %
281.000	-3,7%
19.201	-46,5%
670	-10,3%
42.678	-2,2%
777.131	127,5%
99	24,3%
17.976	-16,8%
23.265	-4,2%
81.735	25,6%
20.775	41,6%
1.581	-28,7%
9.954	-16,7%
25.509	24,1%
19.958	-31,9%
6.311	10,1%
745	37,3%
6.127	62,0%
765,7	1,0%
345	1,0%
22.760	1,0%
71.241	1,0%
24.566	1,0%
234	-6,3%
20.905	39,8%
16.497	-10,6%
1.096,2	22,2%
	-2,6%



NÓS REVOLUCIONAMOS A IMPRESSÃO!

Há 20 anos a **ExpoPrint Latin America** imprime a evolução da indústria. Somos reconhecidos como o maior evento de impressão das Américas e o palco escolhido pelos grandes players para lançamentos globais de tecnologias inovadoras.

Seja qual for seu segmento de atuação, somos a plataforma perfeita para apresentar ou conhecer soluções que fazem parte de todo o processo de impressão.

SE É IMPRESSÃO, É EXPOPRINT!

Nossos resultados comprovam a posição de principal centro de geração de negócios na indústria de impressão do continente:



+700
Marcas

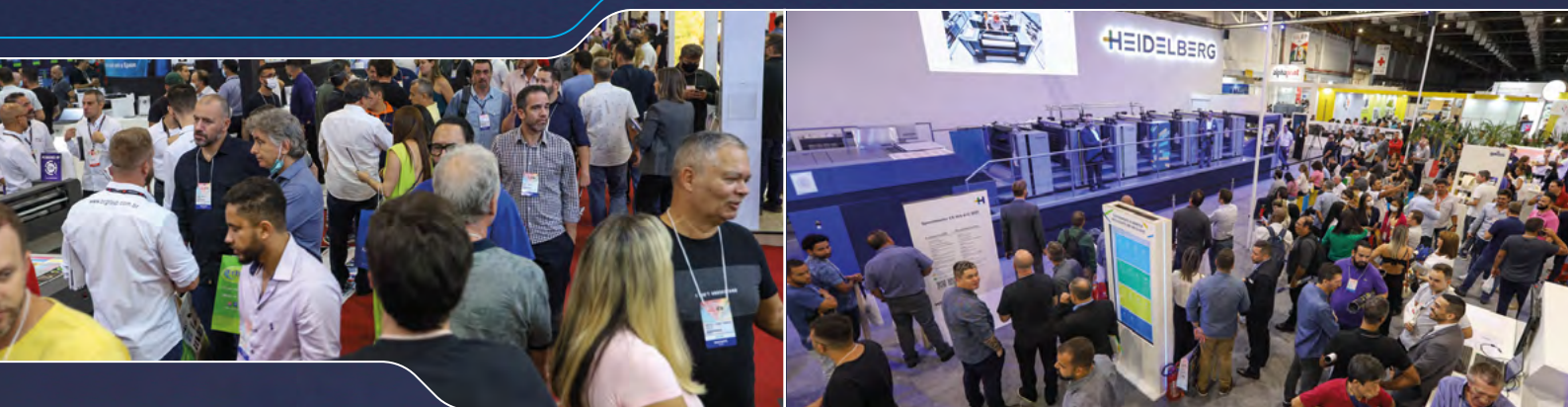


+R\$ 1B
Em negócios



+50.000
Visitantes

Em 2026, vamos revolucionar novamente o cenário da impressão conectando centenas de marcas com empresários focados em levar suas empresas a um novo nível.



Seja parte da revolução!
Acesse www.expoprint.com.br

